

O peso pluma

O operador entra no teatro de operações, silencioso, munido da sua pluma, como o boxeur entra de manhã no ringue. Vai atentíssimo aos sinais, aos sons, aos ecos, com o seu olhar severo, sereno e desafiante. Tem medo e tem coragem. Sabe como é a selva do mundo; mas precisa de renovar a seiva do mundo.

Como opera? Sabe que há na linguagem uma *mathesis*, um saber inscrito. Tudo são linguagens e textos, as próprias imagens são textos como os textos vão ser imagens, fotografias, desenhos, esculturas. Até os objectos são textos, textactos performativos, pois há que investigar o que fazer com as palavras. O laboratorial labor de António Barros, com décadas continuadas de rigor, é conceptual mas háptico, quer tocar as palavras como se toca um corpo amado e odiado, sempre conhecido e desconhecido. Com pinças e também com bisturis.

A sua operação fundamental é a subtração. Retirando uma letra, depois outra e outra, espanta-se: com esse palavrar liberta outros sentidos que lá estavam escondidos, potentes, aprisionados pela transformação da linguagem ou simplesmente à espera de um novo olhar, de um novo gesto. Hiperconsciente do peso do mundo, luta contra o poder retirando-lhe sílabas. “Por isso há um Luto. Um Luto em forma de Luta. Subtil.” Subvertendo a leveza e liquidez da sociedade contemporânea, procura nadar nessa liquidez em busca de ilhas, ou formando ilhas. “NadaDor.”. A análise serve as luminosas sínteses, várias imagens em cada nova imagem.



O boxeur sabe que pode perder, perder a própria vida. Mas se não lutar não sobrevive. Acha a sociedade resignada, não se resigna. Pesa, sopesa. Vê e revê-se no próprio revés. Entra naturalmente no ringue porque o impulso criativo, a confiança básica e criativa no mundo, são a única maneira de se manter vivo, severo mas vivo – que é coisa de que nem todos se podem gabar. A energia liberta-se e a vida também: dele e de quem o quiser acompanhar. O mundo fica a conhecer-se melhor e o que opera e assina – respira.

Por isso às vezes o seu corpo surge nas imagens, ou nas performances. Parece-me ser esse o único aspecto pessoal deste acto contínuo, preocupado com tudo o que é humano mas não com a sua pessoa – a não ser com a sua caminhada neste mundo difícil mas possível. E com os modos de resolver a relação entre o exterior e o interior. Entre a perda e o ganho, há a construção de objectos de transição, sem os quais não se logra o movimento libertador. Neles por vezes o autor aparece, inscreve-se, sempre vestido com a sua honestidade medular, sem distrações. Nos obgestos (nunca nos poemas) por vezes acrescenta alguma coisa, quatro colheres sob os pés de uma cadeira – que lhe subtraem gravidade.

Há qualquer coisa de estóico nesta maneira de estar e trabalhar. Muitas pinturas e mosaicos romanos mostram um actor olhando silenciosamente a sua máscara: não a escolhe, não a recusa, mas ao mesmo tempo guarda em relação a ela as suas distâncias. Em ambos os movimentos, pertencer e interrogar-se, há uma intensidade; as duas intensidades potenciam-se.

E tudo isto é agora ofertado a nós, em hipertexto. Esta gravidade tocada pelo princípio da incerteza. Na sua inteireza, esta vida inteira de gestos e obgestos de um peso pluma. Revisitemos esta obra enorme. António Barros é um falso mago. E um mago do verdadeiro.

Paulo Filipe Monteiro